

**AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: UMA ANÁLISE DO
DOCUMENTO CURRICULAR DO ESTADO DO PIAUÍ**

***BODILY ADVENTURE PRACTICES: AN ANALYSIS OF THE
CURRICULUM DOCUMENT OF THE STATE OF PIAUÍ***

***PRÁCTICAS DE AVENTURA CORPORAL: UN ANÁLISIS DEL
DOCUMENTO CURRICULAR DEL ESTADO DE PIAUÍ***

Adelson Almeida da Costa

adelsonalmeida2009@hotmail.com

Mestre em Educação Física (UNIVASF)

Professor da rede municipal de Dom Inocêncio-PI e da rede estadual de ensino do Piauí

Márlon Melquíades da Cruz

marlon-edf2014@hotmail.com

Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual do Piauí. Especialista em Saúde Pública com Docência no Ensino Superior. Mestrando (UNIVASF).

Maria do Socorro Lima Franco

sospetrolina2@hotmail.com

Licencianda em Educação Física pela Universidade de Pernambuco (UPE).

Especialização em Treinamento Desportivo e em Educação Física Escolar e

Recreação. Atualmente é professora de Educação Física Escolar no Colégio da Polícia Militar Alfredo Viana.

Raimundo Erick de Sousa Agapto

erickagapto@gmail.com

Graduado em Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer pelo Instituto Federal do Ceará - Reitoria e Licenciatura Educação Física. Especialista em Fisiologia do Exercício. É professor no Curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE - Campus Canindé.

Diego Luz Moura

lightdiego@yahoo.com.br

Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) na Proposta Curricular do Piauí, nos anos finais do ensino fundamental. Inicialmente foi feita uma leitura na íntegra da parte do Documento referente ao componente curricular Educação Física. Em seguida, foi realizada uma leitura da unidade temática Práticas Corporais de Aventura, e feito recortes de fragmentos referentes ao ensino das PCAs. Os dados foram organizados em quatro categorias, a saber: Dimensões do conteúdo nas PCAs; Integridade física e segurança nas PCAs; Adaptação das PCAs à realidade escolar; e, As PCAs e a preservação do patrimônio público e natural. Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), utilizando as unidades de significado para elaboração de categorias de análise. O currículo do Piauí, foi proposto considerando a realidade do referido estado, os critérios de risco e segurança necessários para a vivência das PCAs e os aspectos pedagógicos para a aplicação deste conteúdo. A presença das PCAs no currículo, por si só representa um avanço, pois, além de assegurar sua abordagem nas aulas de Educação Física, diversificam as práticas corporais a serem vivenciadas na educação básica. Entretanto, observamos que no Currículo do Piauí, este conteúdo está proposto apenas para o 6º e 7º anos do ensino fundamental, divergindo da BNCC que prescreve sua tematização do 6º ao 9º ano desta mesma etapa de ensino.

Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura. PCA. Educação Física. Ensino. Currículo.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the Corporal Practices of Adventure (PCAs) in the Curriculum Proposal of Piauí, in the final years of Elementary School. Initially, a full reading of the part of the Document referring to the Physical Education curricular component was made. Then, a reading of the Thematic Unit Corporal Practices of Adventure was carried out, and fragments referring to the teaching of PCAs were made. Data were organized into four categories, namely: Dimensions of content in PCAs; Physical integrity and security in PCAs; Adaptation of PCAs to school reality; and, PCAs and the preservation of public

and natural heritage. The data were analyzed using the content analysis method (BARDIN, 2011), using the units of meaning for the elaboration of analysis categories. The Piauí curriculum was proposed considering the reality of that state, the risk and safety criteria necessary for the experience of PCAs and the pedagogical aspects for the application of this content. The presence of PCAs in the curriculum, in itself, represents an advance, because, in addition to ensuring their approach in Physical Education classes, they diversify the body practices to be experienced in basic education. However, we observed that in the Curriculum of Piauí, this content is proposed only for the 6th and 7th years of elementary school, differing from the BNCC that prescribes its thematization of the 6th to 9th year of this same stage of education.

Keywords: Adventure Body Practices. PCA. Physical Education. Teaching. Curriculum

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar las Prácticas Corporales de Aventura (PCAs) en la Propuesta Curricular de Piauí, en los últimos años de la Enseñanza Fundamental. Inicialmente, se hizo una lectura completa de la parte del Documento referente al componente curricular de Educación Física. Luego, se realizó una lectura de la Unidad Temática Prácticas Corporales de Aventura, y se elaboraron fragmentos referentes a la enseñanza de las PCAs. Los datos se organizaron en cuatro categorías, a saber: Dimensiones de contenido en PCA; Integridad física y seguridad en PCAs; Adaptación de los PCA a la realidad escolar; y, las ACP y la preservación del patrimonio público y natural. Los datos fueron analizados mediante el método de análisis de contenido (BARDIN, 2011), utilizando las unidades de significado para la elaboración de categorías de análisis. El currículo de Piauí fue propuesto considerando la realidad de ese estado, los criterios de riesgo y seguridad necesarios para la experiencia de los PCA y los aspectos pedagógicos para la aplicación de este contenido. La presencia de los PCA en el currículo, en sí mismo, representa un avance, pues, además de asegurar su abordaje en las clases de Educación Física, diversifican las prácticas corporales a ser vivenciadas en la educación básica. Sin embargo, observamos que en el Currículo de Piauí, este contenido se propone sólo para los años 6º y 7º de la Enseñanza Fundamental, diferenciándose de la BNCC que prescribe su tematización de los años 6º a 9º de esa misma etapa de enseñanza.

Palabras clave: Prácticas corporales de aventura. PCA. Educación Física. Enseñando. Reanudar.

INTRODUÇÃO

As PCAs têm como objetivo explorar expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage em um ambiente desafiador (BRASIL, 2017).

Essas modalidades tiveram um crescimento expressivo tanto em relação à sua prática, que vem ganhando vários adeptos, como na divulgação das informações e imagens em sites e programas de TV. As PCAs também têm sido tema de estudos e pesquisas desde o final da década de 1990 e início da década de 2000 (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013).

Diante deste contexto, as PCAs passaram a ser reivindicadas como conteúdo da Educação Física (MARINHO; SCHWARTZ, 2005). Compreendemos a importância desse conteúdo para a Educação Física, visto que as PCAs compõem um universo de práticas presentes na sociedade, mas, de um modo geral, têm sido pouco tematizadas na escola (MOURA *et al.*, 2018).

A partir da década de 1980, as PCAs ganharam força, participação e visibilidade na mídia e um grande número de adeptos (UVINHA, 2001). Na década de 1990, chegaram ao Brasil as primeiras publicações sobre PCAs, incentivadas pelos estudos do pesquisador espanhol, Javier Bétran. Então denominadas Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs), esse conceito tem provocado debates e pesquisas nas áreas do lazer, do turismo e da Educação Física. Nesse contexto, surgem as primeiras discussões e publicações científicas sobre esta temática (INÁCIO *et al.*, 2016).

Essas práticas recebem diferentes designações, como: Atividades Físicas de Aventura na Natureza (BETRÁN, 2003), Práticas Corporais de Aventura (MOURA *et al.*, 2018; INÁCIO *et al.*, 2005), Esportes Radicais (UVINHA, 2001), Esportes na Natureza (DIAS, 2007), Esporte de Ação (BRANDÃO, 2010), Esportes Radicais de Aventura e de Ação (PEREIRA; ARMBRUST, 2010), Aventura (PEREIRA, 2020) etc. Para esta pesquisa utilizaremos o termo Práticas Corporais de Aventura (PCAs) baseados nos conceitos propostos por Moura *et al.* (2018) e da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, (BRASIL, 2017).

Com a publicação da BNCC as PCAs passam a fazer parte, oficialmente, do rol de conteúdos das aulas de Educação Física nas redes de ensino de todo o país. Na BNCC, as PCAs são subdivididas com base no ambiente em que são realizadas, na natureza e urbana:

As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de *mountain bike*, rapel, tirolesa, *arvorismo* etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de *parkour*, *skate*, patins, *bike* etc. (BRASIL, 2017, p. 218-219).

Inácio *et al.* (2015; 2016), apontam que os materiais necessários para o ensino das PCAs é um desafio que os professores enfrentam nas diferentes realidades. Os autores destacam que tais obstáculos podem ser superados confeccionando/adaptando os materiais ou vivenciando outras práticas que não dependam de muitos materiais para sua realização.

A homologação da BNCC (BRASIL, 2017), deu legitimidade às PCAs como conteúdo de Educação Física, pois as inseriu como conteúdo curricular obrigatório da educação básica em todo o país. Autores como Pereira e Armbrust (2010) e Inácio *et al.* (2015), já discutiam e propunham formas de tratar esse

conteúdo na educação básica, mas foi com a BNCC que ficou estabelecido os termos legais para essa proposta.

Após a publicação da BNCC, os estados e municípios iniciaram um processo de adaptação ou reconstrução do currículo, levando em conta as demandas propostas pela BNCC. Considerando a unidade temática PCAs como um dos principais desafios a serem enfrentados pelos professores e gestores da educação básica, selecionamos o Currículo do ensino fundamental do estado do Piauí, para analisarmos acerca da inserção das PCAs na Educação Física.

Seu processo de construção foi instruído por meio da Resolução/MEC nº 2, de 22 de dezembro de 2017, em diálogo entre o estado e os municípios, em regime de colaboração com as redes municipal, estadual e privada. Foram realizadas conferências estaduais e municipais de educação, consultas públicas e encontros presenciais com professores de todas as redes de ensino para discussão do currículo, análise e sistematização das contribuições recebidas.

Construído e legitimado por vários colaboradores e pela Consulta Pública, realizada pela Comissão Pro-BNCC/PI e pelo Conselho Estadual de Educação-CEE/PI, o currículo do Piauí foi aprovado pelo Parecer CEE/PI nº 105/2019 de 15/08/2019 e Resolução CEE/PI nº 097/2019 de 15/08/2019, tornando-se o Currículo de Referência para todas as escolas do sistema de ensino do território piauiense. O Documento Curricular abrange a escolaridade do ensino infantil e fundamental, e está dividido em duas partes: a parte introdutória do Documento e a dos componentes curriculares.

Conforme as orientações da BNCC, o currículo do Piauí é composto pelos componentes da base comum a todo o território nacional e pela parte diversificada, que são os temas integradores. A unidade temática PCAs, trata das formas de experimentação corporal em ambientes desafiadores, tanto na

natureza como nos espaços urbanos, por especificá-las com base no ambiente de que precisam para ser realizadas.

Embora a BNCC prescreva a tematização das PCAs do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, o Currículo do Piauí estabelece sua tematização apenas para o 6º e 7º anos desta etapa de ensino. Mesmo assim, o Documento Curricular do Piauí reconhece que as PCAs podem ser tematizadas em todas as unidades temáticas e em qualquer etapa de ensino, desde que observados os critérios de progressão do conhecimento, as características dos sujeitos e os contextos de atuação.

Diante deste contexto, o objetivo deste estudo é analisar a presença das PCAs nos anos finais do ensino fundamental, na Proposta Curricular Estadual do Piauí.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia foi realizada uma análise documental, método que busca estudar materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser revisados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008).

Foi analisado o Documento Curricular do ensino fundamental do estado do Piauí. Primeiramente foi feita uma leitura na íntegra da parte do Documento referente ao componente curricular Educação Física, pelos três primeiros autores. Em seguida, foi realizada uma leitura da unidade temática Práticas Corporais de Aventura, e feito recortes de fragmentos referentes ao ensino das PCAs.

Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), utilizando as unidades de significado para elaboração de categorias de

análise. As categorias construídas ficaram assim definidas: Dimensões do conteúdo nas PCAs; Integridade física e segurança nas PCAs; Adaptação das PCAs à realidade escolar; e, As PCAs e a preservação do patrimônio público e natural.

A construção dessas categorias ocorreu através da análise de conteúdo temática ou categorial. Essa análise fundamenta-se na separação do texto em divisões que consistem no desmembramento do documento em categorias associadas coerentemente (BARDIN, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção será apresentada a discussão dos resultados dos dados extraídos do Documento Curricular do estado do Piauí. Foram encontrados 34 recortes referentes às PCAs, que foram organizados em quatro categorias.

No quadro 1, será apresentado as categorias de análise com as suas devidas descrições.

Quadro 1 – Categorias de análise

CATEGORIA	Nº RECORTES	DESCRIÇÃO
Dimensões do conteúdo nas PCAs	15	Nesta categoria encontram se os recortes que fazem relação com as dimensões do conteúdo nas PCAs (conceitual, atitudinal e procedimental).
Integridade física e segurança nas PCAs	13	Nesta categoria encontram os recortes que fazem relação com a

		integridade física e a segurança nas PCAs.
Adaptação das PCAs à realidade escolar	03	Nesta categoria encontram-se os recortes que fazem relação com a adaptação e a recriação das PCAs no contexto escolar.
PCAs e a preservação do patrimônio público e natural	03	Nesta categoria encontram-se os recortes que estão relacionados com a preservação do patrimônio público e natural e as PCAs.

Fonte: os autores

Dimensões do conteúdo nas PCAs

Nesta categoria, encontram-se 15 recortes referentes às dimensões dos conteúdos. Esses recortes estão relacionados com as dimensões do conteúdo nas PCAs (conceitual, atitudinal e procedimental).

Quadro 2– As dimensões do conteúdo nas PCAs

Nº	Fragmentos
01	“10. <u>Experimentar, desfrutar, apreciar</u> [...] práticas corporais de aventura, <u>valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.</u> ” (p. 127, grifo nosso).
02	“A unidade temática Práticas Corporais de Aventura, trata das formas de <u>experimentação</u> corporal em ambientes desafiadores para o praticante, seja na natureza, seja em espaços urbanos.” (p. 131, grifo nosso).

03	“As habilidades relacionadas a essa temática têm <u>foco na experimentação e nos cuidados com a integridade física e o respeito ao patrimônio público e natural.</u> ” (p. 131, grifo nosso).
04	“O estudante deve ser estimulado a <u>propor alternativas para as práticas em diversos espaços,</u> dentro e fora do ambiente escolar, além de ser capaz de <u>identificar a origem e os tipos de práticas de aventura, bem como suas transformações históricas.</u> ” (p. 131, grifo nosso).
05	“Práticas corporais de aventura urbana <u>História; Modalidades</u> (ex.: rapel, parkour, skate, patins, bike etc); <u>Regras; Noções básicas de primeiros socorros.</u> ” (p. 142, grifo nosso).
06	“(EF67EF18) <u>Experimentar e fruir</u> diferentes práticas corporais de aventura urbana, <u>valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais.</u> ” (p. 142, grifo nosso).
07	“(EF67EF19) <u>Identificar os riscos</u> durante a realização de práticas corporais de aventura urbana e <u>planejar estratégias para sua superação,</u> levando em consideração a segurança necessária para suas aplicações.” (p. 142, grifo nosso).
08	“(EF67EF21) <u>Identificar a origem das práticas corporais de aventura</u> e as possibilidades de recriá-las, reconhecendo as características (instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização) e seus tipos de práticas.” (p. 142, grifo nosso).
09	“(EF67EF20) <u>Planejar e executar</u> práticas corporais de aventura urbana, <u>respeitando o patrimônio público</u> e utilizando alternativas para a <u>prática segura</u> em diversos espaços.” (p. 142, grifo nosso).

10	“(EF67EF21.01PI) <u>Conhecer as noções básicas</u> de primeiros socorros em situações de risco, preservando a sua integridade física e dos demais.” (p. 142, grifo nosso).
11	Práticas corporais de aventura na natureza <u>“Características; Modalidades</u> (corridas de aventura, mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo, cicloturismo etc); Lesões associadas às práticas corporais de aventura.” (p. 144, grifo nosso).
12	“(EF89EF19) <u>Experimentar e fruir</u> diferentes práticas corporais de aventura na natureza, <u>valorizando a própria segurança e integridade física</u> , bem como as dos demais, <u>respeitando o patrimônio natural</u> e minimizando os impactos de degradação ambiental.” (p. 144, grifo nosso).
13	“(EF89EF20) <u>Identificar riscos, formular estratégias</u> e <u>observar normas</u> de segurança para <u>superar os desafios</u> na realização de práticas corporais de aventura na natureza.” (p. 144, grifo nosso).
14	“(EF89EF21) <u>Identificar as características</u> (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas <u>transformações históricas</u> .” (p. 144, grifo nosso).
15	“(EF89EF21.01PI) <u>Conhecer e diferenciar</u> as lesões associadas às práticas corporais de aventura na natureza.” (p. 144, grifo nosso).

Fonte: Currículo do Piauí.

Os recortes dessa categoria estão relacionados com as diferentes dimensões dos conteúdos, em consonância com a proposta de Darido (2003), a saber: conceitual (o que se deve saber), procedimental (que se deve saber fazer) e atitudinal (como se deve ser), às quais são contempladas pelo Documento

analisado de forma igualitária. Podemos perceber que essa relação das dimensões é apenas uma forma didática de estabelecer relação com os conteúdos tratados.

Dos 15 recortes sobre as dimensões dos conteúdos, sete são sobre a dimensão procedimental, sete sobre a dimensão conceitual e sete sobre a dimensão atitudinal. Vale ressaltar que alguns recortes abordam mais de uma dimensão. Com isso, podemos perceber que o Documento aborda de forma equilibrada as três dimensões do conteúdo.

A dimensão conceitual pode ser percebida no Documento quando este propõe a abordagem dos aspectos históricos das PCAs, a origem e os tipos de PCAs, suas transformações históricas, suas características, as regras, os locais de prática, os equipamentos, a compreensão do risco intrínseco às diferentes modalidades, conhecer as noções básicas de primeiros socorros, conhecer e diferenciar as lesões associadas às PCAs.

A dimensão procedimental está relacionada à vivência prática dos conteúdos e está explícito no Documento quando este propõe a experimentação das diferentes modalidades das PCAs, a realização das técnicas de movimentos e de segurança, as adaptações necessárias às vivências das PCAs dentro e fora do ambiente escolar.

A dimensão atitudinal pode ser percebida no Documento quando este relaciona as PCAs à aspectos como a ética, os cuidados com a integridade física de si mesmo e dos demais, segurança, o respeito ao patrimônio público e natural, gestão do risco durante a prática de determinada modalidade, superação de limites.

Darido (2012) destaca que na prática docente não há como dividir os conteúdos de forma estanque em dimensões, pois a aula possui uma dinâmica

onde tais dimensões estão sempre articuladas. Desse modo, a organização dos conteúdos em dimensões promove uma maior intencionalidade na forma do docente construir seu planejamento.

Da mesma forma, Francisco, Figueiredo e Duek (2020) afirmam não ser possível dissociar aspectos da dimensão procedimental de questões da dimensão conceitual. Ao mesmo tempo em que o professor aborda determinado movimento com os alunos, ele poderá mencionar questões de segurança, fatores de risco e equipamentos utilizados para a prática de determinada modalidade. Do mesmo modo, o professor poderá apresentar um movimento e discutir sobre os limites do próprio corpo, enfatizando a necessidade de se entender os riscos envolvidos nestas práticas ou, ainda, atitudes de respeito e cooperação entre os seus pares.

Como exemplo da prática de uma determinada atividade de aventura envolvendo as três dimensões, o *skate*, o professor poderá requisitar aos alunos trabalhos/pesquisas sobre a história e os estilos de *skates* para discussões em sala de aula, dando ênfase à dimensão conceitual. Após isso, poderá contextualizar essas informações na quadra, com práticas e vivências diversas, utilizando os *skates* e equipamentos emprestados e trazidos por alguns alunos e pelo professor (dimensão procedimental). Dentro da dimensão atitudinal, pode-se promover discussões sobre a divisão fraterna, a cooperação, e demais valores atrelados às práticas, já que dificilmente haverá um *skate* para cada aluno (FRANCO; TAHARA, DARIDO, 2018).

Com isso, foi possível observar no referido Documento que o ensino das PCAs abrangendo as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal é importante para a aprendizagem dos discentes, podendo proporcionar maior autonomia e a apropriação tanto da parte teórica como da parte prática do

referido conteúdo. O Documento reforça a importância de experimentar as diferentes PCAs, de forma consciente, alicerçada nas três dimensões.

Integridade física e segurança nas PCAs

Quadro 3 - Integridade física e segurança nas PCAs

Nº	Fragmentos
01	“A unidade temática Práticas Corporais de Aventura, trata das formas de <u>experimentação corporal em ambientes desafiadores para o praticante, seja na natureza, seja em espaços urbanos.</u> ” (p. 131, grifo nosso).
02	“As habilidades relacionadas a essa temática têm foco na experimentação e nos <u>cuidados com a integridade física</u> e o respeito ao patrimônio público e natural.” (p. 131, grifo nosso).
03	“História; Modalidades (ex.: rapel, parkour, skate, patins, bike etc); Regras; Noções básicas de <u>primeiros socorros.</u> ” (p. 142, grifo nosso).
04	“(EF67EF18) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura urbana, valorizando <u>a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais.</u> ” (p. 142, grifo nosso).
05	“(EF67EF19) <u>Identificar os riscos durante a realização de práticas corporais de aventura urbana</u> e planejar estratégias para sua superação, levando em consideração <u>a segurança necessária para suas aplicações.</u> ” (p. 142, grifo nosso).
06	“(EF67EF20) Planejar e executar práticas corporais de aventura urbana, respeitando o patrimônio público e utilizando <u>alternativas para a prática segura</u> em diversos espaços.” (p. 142, grifo nosso).

07	“(EF67EF21) Identificar a origem das práticas corporais de aventura e as possibilidades de recriá-las, reconhecendo as características (<u>instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização</u>) e seus tipos de práticas.” (p. 142, grifo nosso).
08	“(EF67EF21.01PI) Conhecer as noções básicas de <u>primeiros socorros em situações de risco, preservando a sua integridade física e dos demais.</u> ” (p. 142, grifo nosso).
09	“Práticas corporais de aventura na natureza Características; Modalidades (corridas de aventura, mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo, cicloturismo etc); <u>Lesões associadas às práticas corporais de aventura.</u> ” (p. 144, grifo nosso).
10	“(EF89EF19) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, <u>valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais,</u> respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.” (p. 144, grifo nosso).
11	“(EF89EF20) <u>Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança</u> para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.” (p. 144, grifo nosso).
12	“(EF89EF21) Identificar as características (<u>equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização</u>) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.” (P. 144, grifo nosso).
13	“(EF89EF21.01PI) Conhecer e diferenciar as <u>lesões associadas às práticas corporais de aventura na natureza.</u> ” (p. 144, grifo nosso).

Fonte: Currículo do Piauí.

O risco é uma das principais características das PCAs. Portanto, saber identificá-lo e aplicar os procedimentos corretos de controle e minimização desses riscos é imprescindível para a vivência segura desse conteúdo na escola.

Nesta categoria, foram encontrados 13 recortes referentes à integridade física e a segurança nas PCAs. O Documento aponta para a importância de identificar os possíveis riscos inerentes às PCAs, identificar os tipos de possíveis lesões, buscar estratégias de segurança, como organizar previamente os equipamentos que serão usados no desenvolvimento das atividades.

Os cuidados com a própria segurança e a integridade física de si e dos demais, os primeiros socorros em situações de risco, utilizar alternativas para a prática segura, conhecer e fazer uso de instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, observar normas de segurança, permeiam o Documento e devem ser levados em consideração no que se refere às PCAs.

Os termos “ambientes desafiadores”, “segurança”, “integridade física”, “situação de riscos” trazidos pelo Documento, emitem a noção de risco e perigo, inerentes às PCAs, o qual deve ser previsto e administrado pelo praticante. Dessa forma, torna-se imprescindível que o professor conheça os riscos de cada atividade antes de propor o conteúdo aos alunos. Podemos perceber que a relação risco e perigo estão diretamente relacionados às PCAs. Nesse sentido, o Documento propõe aos docentes e discentes o desafio de identificar os riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização, considerando que nas PCAs devemos identificar o perigo e controlar o risco para assim obter uma realização segura. Para isso, é importante conhecer as normas de segurança para cada modalidade.

Paixão *et al.* (2011) mencionam algumas estratégias que são importantes para diminuir os riscos de acidentes e aumentar a segurança nas vivências das

PCAs. Entre essas estratégias podemos citar o domínio da técnica em passar o conteúdo para os alunos, bem como organizar e checar todos os equipamentos de segurança com antecedência.

O Documento sugere também a importância de conhecer e contextualizar com os alunos o conceito de noções básicas de primeiros socorros e de como identificar os tipos de lesões ocasionadas devido ao envolvimento com as PCAs. Assim, o discente terá mais consciência de suas ações no decorrer das vivências das PCAs, bem como priorizar a sua integridade física.

Essa categoria nos permite reconhecer a gestão do risco como um dos fatores mais importantes para o ensino das PCAs na escola. Acreditamos que o professor deve conhecer as modalidades de aventura que se propõe a ensinar, no entanto, tão importante quanto o conhecimento técnico e teórico sobre essas modalidades, é o conhecimento sobre as técnicas de segurança e minimização dos riscos que são necessários à prática desta modalidade.

Adaptação das PCAs à realidade escolar

Quadro 4 - Adaptação das PCAs à realidade escolar

Nº	Fragmentos
01	“[...] <u>propor alternativas para as práticas em diversos espaços, dentro e fora do ambiente escolar</u> , além de ser capaz de identificar a origem e os tipos de práticas de aventura, bem como suas transformações históricas.” (p. 131, grifo nosso).
02	“[...] as práticas corporais de aventura podem ser <u>transformadas no interior da escola</u> , devem ser <u>adaptadas às condições da escola</u> , ocorrendo de

	<u>maneira simulada</u> , tomando-se como referência o cenário de cada contexto escolar (BNCC, 2017).” (p. 131, grifo nosso).
03	“(EF67EF21) Identificar a origem das práticas corporais de aventura e as <u>possibilidades de recriá-las</u> , reconhecendo as características (instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização) e seus tipos de práticas.” (p. 142, grifo nosso).

Fonte: Currículo do Piauí.

Em relação à categoria Adaptação das PCAs à realidade escolar foram encontrados três recortes que versam sobre essa temática. Foi possível observar no Documento que as PCAs podem ser vivenciadas no ambiente escolar, no entanto, é preciso um planejamento estratégico, que permita analisar de fato, a viabilidade dos materiais necessários para uma prática segura, bem como ter um espaço adequado para essas vivências.

Essas práticas podem ser percebidas quando o Documento propõe alternativas para as vivências das PCAs em diversos espaços, dentro e fora do ambiente escolar; adaptação das PCAs às condições da escola, ocorrendo de maneira simulada; sugerindo possibilidades para que as PCAs sejam transformadas no interior da escola; e possibilidades de recriá-las de acordo com o contexto escolar.

O Documento também ressalta que as PCAs devem se adequar ao contexto da escola, bem como instigar os alunos a refletir sobre a origem dessas modalidades e suas perspectivas técnicas para uma prática resguardada em diversos espaços, afinal, as PCAs são manifestações corporais que estão inseridas na cultura corporal do movimento.

Tahara e Carnicelli Filho (2013), afirmam que as práticas de aventura no contexto educacional e pedagógico consistem num grupo de conteúdos,

habilitados para oportunizar a crianças e adolescentes, variadas perspectivas práticas em relação às PCAs.

Ainda segundo De Freitas *et. al.* (2016), a inserção e a vivência das PCAs de forma segura e adaptada ao ambiente escolar pode proporcionar uma aprendizagem mais prática sobre esse conteúdo, bem como, oportunizar diferentes sensações por parte dos alunos.

Dessa forma, a inserção das PCAs no contexto escolar faz-se necessário, uma vez que a escola não pode deixar de oportunizar a vivência desse conteúdo aos estudantes. Assim como os demais conteúdos da Educação Física, o conteúdo PCAs também pode ser vivenciado no ambiente escolar, desde que ocorra de forma sistematizada e segura, levando em conta o conhecimento teórico sobre o tema.

As PCAs e a preservação do patrimônio público e natural

Os três recortes dessa categoria estão relacionados com a preservação do patrimônio público e natural na experimentação das PCAs. Essas relações podem ser percebidas quando o Documento destaca que as PCAs devem ser planejadas e executadas respeitando o patrimônio público e natural, e minimizando os impactos de degradação ambiental.

Quadro 5 - As PCAs e a preservação do patrimônio público e natural

Nº	Fragmentos
01	“As habilidades relacionadas a essa temática têm foco na experimentação e nos cuidados com a integridade física e o <u>respeito ao patrimônio público e natural.</u> ” (p. 131, grifo nosso).

02	“(EF67EF20) Planejar e executar práticas corporais de aventura urbana, <u>respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas para a prática segura em diversos espaços.</u> ” (p. 142, grifo nosso).
03	“(EF89EF19) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, <u>respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.</u> ” (p. 144, grifo nosso).

Fonte: Currículo do Piauí.

No que diz respeito às PCAs e a preservação do patrimônio público e natural, o Documento sugere que esse conteúdo seja vivenciado respeitando o meio no qual essas modalidades estão inseridas, bem como, levar em conta os cuidados necessários para manter a integridade física dos espaços, sejam eles urbanos ou naturais.

Nesse sentido, o Documento também sugere que o conteúdo das PCAs permite ao professor explorar todo o espaço da escola, como árvores, jardins, como também ir além desse espaço, levando a sala de aula para as praças próximas à escola, para os parques públicos ou privados do bairro. Porém, para a exploração desses espaços faz-se necessário que os alunos tenham a consciência da preservação dos recursos e bens comuns que serão utilizados.

Nessa perspectiva, a vivência das PCAs na natureza deve ser muito bem planejadas, visando além do aprendizado, o contato direto com a natureza. Ao participar dessas modalidades, os alunos desenvolvem um pensamento ecológico mais reflexivo, pois estar em contato direto com a natureza, ajuda a diminuir o estresse, previne a depressão, bem como agrega princípios e valores sociais (OLIVEIRA, 2020).

Dessa forma, o Documento Curricular estabelece uma relação com a Educação Ambiental visando despertar nos estudantes uma consciência ambiental, e o cuidado com o patrimônio urbano e natural. Outrossim, o Documento ressalta a importância da preservação do patrimônio ambiental e natural, bem como, instiga o debate sobre a Educação Ambiental como ferramenta para uma reflexão consciente sobre a vivência das PCAs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisa a presença das PCAs na Proposta Curricular Estadual do Piauí nos anos finais do ensino fundamental. De acordo com o referido Documento Curricular, esse conteúdo possui relevância no ensino fundamental, incentivando os docentes para que os educandos tenham oportunidades de vivenciá-las com mais conhecimento e segurança. Observamos que o currículo foi proposto considerando a realidade do estado do Piauí, os critérios de risco e segurança necessários para a vivência das PCAs, como também os aspectos pedagógicos para a aplicação deste conteúdo.

No entanto, foi possível observar no Documento Curricular do Piauí, que as PCAs estão presentes apenas no 6º e 7º ano, divergindo da BNCC, que prescreve esse conteúdo do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. É possível que essa divergência faça parte da adaptação do conteúdo à realidade das escolas do estado do Piauí. Porém, vemos a necessidade de ampliação desse conteúdo como propõe a BNCC.

Em relação aos aspectos de segurança e controle dos riscos, o Documento poderia incluir algumas normas a serem seguidas e como proceder em situações de urgência. Outro ponto importante seria discutir a importância

dos números de emergência como (192) SAMU e (193) do Corpo de Bombeiros, e como reportar casos de acidentes.

Acreditamos que a presença desse tema no currículo de referência, por si só representa um avanço, pois, além de assegurar a tematização desse conteúdo na escola contribui no sentido de diversificar as práticas corporais a serem vivenciadas pelos estudantes do ensino fundamental. Porém, é interessante refletirmos sobre a oferta desse conteúdo nas outras etapas da educação básica e nas demais turmas do ensino fundamental.

A realização desse estudo apresenta um panorama sobre o estado do Piauí, no entanto, vemos a necessidade de novas pesquisas focadas em outros estados da Federação acerca da inserção das PCAs em seus currículos. Acreditamos que também se faz necessária a realização de pesquisas de abrangência nacional, acerca da prescrição das PCAs nos currículos da educação básica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa. Portugal, 2011.

BETRÁN, Javier Oliveira. Rumo ao novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In BRUHNS, H. T.; MARINHO, A: (Org). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, p. 157-202, 2003.

BRANDÃO, Leonardo. Esportes de ação: notas para um estudo acadêmico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 59-73, 2010.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. A avaliação da educação física na escola. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, p. 127-140, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DE FREITAS, Tamires Alvarado; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; TAHARA, Alexander Klain; DARIDO, Suraya Cristina. **Avaliação da implementação de um programa de Práticas Corporais de Aventura na Educação Física escolar**. Arquivos em Movimento, v. 12, n. 1, p. 4-16, 2016.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte. V. 10, nº 3, p. 1-36, 2007.

FRANCISCO, Filipe Botelho; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; DUEK, Viviane Preichardt. Práticas Corporais de Aventura nas dimensões do conteúdo: experiência na Educação Física infantil. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista – Bahia, v. 16, n. 37, p. 508-524, 2020.

FRANCO, Laercio Claro Pereira; TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. **Práticas Corporais de Aventura nas propostas curriculares estaduais de Educação Física**: relações com a Base Nacional Comum Curricular. Corpoconsciência, Cuiabá-MT, v. 22, n. 01, p. 66-76, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

INÁCIO, Humberto Luis de Deus; CAUPER, Dayse Alisson Câmara; SILVA, Luzia Antônia de Paula; MORAIS, Gleison Gomes de. **Práticas Corporais de Aventura na escola**: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. *Motrivivência*, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

INÁCIO, Humberto; CAUPER, Dayse Camara; GOMES, Gleyson; SILVA, Luzia Paula; CASTRO, Caroline; Machado, Lídia Ferreira. **Práticas Corporais de Aventura [na natureza] na Educação Física escolar**: uma experiência em escolas da rede municipal de Goiânia. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SILVA, Ana Paula Salles da; PERETTI, Éder Silva.; LIESENFELD, Patrícia Athaydes. Travessuras e Artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. In: SILVA, Ana Márcia.; DAMIANI, Iara Regina. (Org.). **Práticas corporais**: trilhando e compar(trilhando) as ações em Educação Física. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005. v. 2, p. 81-105.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da Educação Física: reflexões sobre seu valor educativo. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 88, p. 1-7, 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>. Acesso em: 20 out. 2021.

MOURA, Diego Luz; SANTANA, Mariana Araújo; XAVIER JUNIOR, Jayme Felix; SILVA, José Carlos Santana; LIMA, José Murilo Gomes de; ARAÚJO, João

Gabriel Eugênio; SOUSA, Cleyton Batista de. **Dialogando sobre o ensino da Educação Física: Práticas Corporais de Aventura**. Curitiba: CRV, 2018.

OLIVEIRA, Marcos Rocha de. **Práticas Corporais de Aventura na natureza: rapel e orientação como possibilidades de aprendizagem na escola**. TCC (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Santa Rosa, 2020.

PAIXÃO, Jairo Antônio da; GABRIEL, Ronaldo Eugênio Calçada Dias; TUCHER, Guilherme; KOWALSKI, Marizabel; COSTA, Vera Lucia de Menezes. Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 415-425, 2011.

PEREIRA, Dimitri Woo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2010.

PEREIRA, Dimitri Woo. A Aventura como desafio aos professores de Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 3, p. 36-46, 2020.

PIAUI. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo do Piauí: Um Marco para Educação do nosso Estado**. Educação Infantil, Ensino Fundamental (Org) SILVA, C. A. P. *et al.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de ciências do esporte**, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Editora Manole Ltda, 2001.